

## O Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA) sob a perspectiva da mídia radical alternativa

Patricia Wittenberg\*

### Resumo

O presente artigo procura fazer uma ligação entre o que Downing (2002) propõe como mídia radical alternativa e as atividades realizadas pelo Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), uma ONG do Rio Grande do Sul. Foi feita uma ligação entre o referencial teórico e um estudo de campo que esclareceu o que é e como pode se apresentar uma mídia alternativa. Através das formas que o NEMA usa para se comunicar, pode-se observar que a mídia radical alternativa tem várias formas de se apresentar. Como mídia radical alternativa, o NEMA consegue se comunicar com a sociedade. Entretanto, através de uma maior instrumentalização na área da comunicação, o NEMA provavelmente poderia melhorar sua forma de fazer mídia, além de incrementar sua interação com a mídia convencional e, dessa forma, formar uma opinião pública melhor esclarecida em relação aos seus trabalhos e objetivos.

**Palavras-chave:** Mídia radical alternativa, organização não-governamental

### Resumen

El presente artículo procura ligar lo que Downing (2002) propone como medios radicales y las actividades realizadas por el Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), una ONG en Rio Grande do Sul. Fueron realizados un análisis detallado de referencias teóricas y un estudio en el campo comprensivo para definir cuales son los medios radicales y

---

Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas. Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Agradecemos a John Downing, Círcia Peruzzo, Beatriz Dornelles, Cláudia Moura e Fábio Souza da Cruz pela colaboração neste trabalho. E-mail: wittenberg@mikrus.com.br

cómo se presentan. Con un análisis de los acercamientos usados por NEMA para comunicarse, notamos que los medios radicales pudieron presentarse de diversas formas. Como los medios radicales, NEMA se comunican con éxito a la sociedad. Sin embargo, con una mayor instrumentalización en el área de la comunicación, el NEMA podría mejorar probablemente la manera de comunicarse, así como aumentar su interacción con los medios convencionales y, consecuentemente, mejor informar al público sobre sus objetivos y proyectos.

**Palabras clave:** Media radical alternativo, organización no gubernamental.

#### **Abstract**

The present article attempts to link what Downing (2002) proposes as radical media and the activities carried out by the Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), an NGO in Rio Grande do Sul. A detailed analysis of theoretical references and a comprehensive field study were carried out in order to define what is radical media and how it presents itself. Through an analysis of the approaches used by NEMA to communicate, we noticed that radical media might indeed present several different forms. As a radical media, NEMA successfully communicates to society. Nevertheless, through a greater instrumentalization in the area of communication, NEMA could probably improve the way they communicate, as well as increase their interaction with the conventional media and, as a result, better inform the public about their objectives and projects.

**Keywords:** Radical media, non-governmental organization

Este artigo tem como objetivo investigar como uma organização não-governamental (ONG) ambientalista, o NEMA, Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental, situado na praia do Cassino, município de Rio Grande, RS, pode, segundo os pressupostos teóricos adotados (Downing, 2002), ser considerado uma mídia radical alternativa. Discutiremos ainda como ocorre esse processo através dos conhecimentos do que são movimentos sociais (GOHN, 1997; 2000) e como se dão as relações entre o nosso objeto e o referencial bibliográfico, que trata de uma mídia que o próprio objeto desconhece fazer.

Dessa forma, o resultado desse trabalho é aprofundar as relações de comunicação dos movimentos sociais, como as ONGs, com tipos de comunicações não convencionais usadas como meio ou ferramenta para a desvinculação de que as informações sejam ditadas somente pelos veículos hegemônicos e/ou convencionais. Estudaremos como podem se dar essas relações em que o indivíduo deixa de ser um indivíduo passivo e ouvinte para tornar-se parte integrante desta comunicação; além de discutirmos como diferentes formas de linguagem podem formar cidadãos a transformarem novas formas de expressão.

Através de Gohn (1997; 2000) e Downing (2002), abordaremos o tema Terceiro Setor e Movimentos Sociais. Como nasceu e como vêm se apresentando neste novo milênio, assim como as ONGs e suas formas de apresentação, incluindo as ambientalistas, nosso objeto de estudo. Chegaremos então ao nosso objeto, o NEMA, onde serão apresentados o histórico, objetivos e forma de fazer comunicação.

Analisaremos a forma como Downing (2002) interpreta o que ele denomina mídia radical alternativa, além de trabalharmos autores como Gohn (1997; 2000), Peruzzo (2003) e Champagne (1997; 2000) e seus conceitos quanto aos movimentos sociais.

Confrontaremos as teorias sobre movimentos sociais, mídia radical alternativa e o objeto trabalhado, o NEMA. No que diz respeito ao termo ONG, analisaremos os diversos conceitos e variantes para esta sigla. Usaremos e respeitaremos a todas. Discutiremos por que fazer teatro e utilizar métodos pouco convencionais em relação ao que estamos acostumados na mídia comercial faz de uma ONG ambiental uma mídia radical alternativa.

## **Metodologia**

Para este artigo foram realizadas uma pesquisa bibliográfica, entrevistas com integrantes da ONG, e uma pesquisa de opinião pública segundo metodologia proposta por Gil (1997), na qual se utilizou uma pesquisa com amostragem probabilística aleatória simples através de formulários, com amostra estratificada e não probabilística. Esta pesquisa foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2001 em quatro pontos diferentes do município de Rio Grande, RS, tendo sido

entrevistadas 400 pessoas. Portanto, para um nível de confiança estipulado de 95%, a margem de erro foi de 5% para mais ou para menos. Em relação à técnica da pesquisa, optou-se pelo formulário, fórmula considerada intermediária entre a entrevista e o questionário. A amostra estratificada define-se como melhor alternativa por caracterizar-se pela seleção de uma amostra de um subgrupo da população considerada, tendo em vista que o universo considerado (a população do município de Rio Grande, RS) é infinito por contar com mais de 100 mil pessoas.

## Resultados

Dentre os 400 entrevistados, 55% eram mulheres. Com relação a escolaridade, a porcentagem de entrevistados com ensino superior completo, ensino superior incompleto, ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino fundamental completo e ensino fundamental incompleto eram 15, 34, 18, 11, 11 e 11%, respectivamente. Apenas 30% dos entrevistados tinham uma renda mensal superior a cinco salários mínimos, enquanto 36% tinham renda mensal entre 1 a 5 salários mínimos.

A pesquisa de opinião pública também indicou que 33% sabem o que é o Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental, muito embora o percentual de entrevistados que diz conhecer a sigla NEMA seja de 43%. É importante, porém, ressaltarmos que uma parcela de 36% dos entrevistados tem conhecimento dos projetos e atividades realizados pela ONG, o que demonstra um certo nível de divulgação de suas atividades.

Com relação às atividades e projetos do NEMA, os projetos mais conhecidos foram preservação de dunas costeiras, proteção aos animais (aves e mamíferos) marinhos e educação ambiental.

Cerca de um terço (34%) dos entrevistados responderam que auxiliariam o NEMA financeiramente. Interessantemente, 47% dos entrevistados acenaram com a possibilidade de serem doadores financeiros voluntários, desde que a instituição e suas atividades fossem melhor divulgadas. O veículo onde as pessoas mais lembraram o NEMA foi o boca-

a-boca, seguido pela televisão e o jornal impresso, meios convencionais hegemônicos. O rádio não foi citado por nenhum entrevistado.

Do universo de pessoas que disseram conhecer o NEMA, 60% eram do sexo feminino. Cerca de 76% das pessoas que conheciam o NEMA completaram o ensino médio, sendo que 59,4% haviam ingressado na universidade. Já com relação a renda mensal, 17,1% dos entrevistados que conheciam o NEMA recebiam mais do que 10 salários mínimos.

### **O terceiro setor no terceiro milênio**

Gohn (2000) relata que a aparição do terceiro setor no Brasil ocorreu na década de 90, mas ele já vinha brotando como uma semente bem antes disso:

No Brasil, nos anos 90, existem inúmeras organizações, fundações, associações, movimentos, etc. criados para promover o desenvolvimento econômico local, impedir a degradação ambiental, defender os direitos civis e atuar em áreas onde a presença estatal é de triste memória, como em relação às crianças, em internatos ou nas ruas em situação de risco, vítimas de todo tipo de violência. Essas categorias sociais, até então esquecidas, isoladas e desconsideradas, passaram a exercer o que a sociedade conquistou: o direito a ter direitos. A organização inicial desses segmentos sociais se deu nos anos 80 por meio das ações de movimentos e organizações de lutas por direitos. Eles criaram uma pauta de reivindicações que se transformaram em leis, criando uma nova jurisdição para o social e inúmeros canais, como representantes da sociedade civil, encontramos um universo grande de organizações, movimentos sociais, ONGs, associações comunitárias de vizinhança, fundações, entidades filantrópicas, empresas cidadãs, o chamado terceiro setor (GOHN, 2000, p. 59).

O terceiro setor é, portanto, constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais que têm como objetivo gerar serviços de caráter público, fenômeno das três últimas décadas.

Paradoxalmente, o fortalecimento da sociedade civil se deu no epicentro às resistências, enquanto os regimes autoritários não permitiam a participação dos cidadãos na esfera pública. Pequenas iniciativas na base da sociedade acabaram criando novos espaços de liberdade e reivindicação. Este contexto começou a inspirar movimentos voltados para a melhoria da vida da comunidade, da defesa

de seus direitos e da luta pela democracia. Desta forma surgem as primeiras ONGs (GOHN, 2000).

De acordo com o IDAC (2003), o terceiro setor já iniciou praticamente com o significado de ONG, mas, com o passar do tempo, o conceito se ampliou valorizando também a filantropia empresarial, associações beneficentes e recreativas, iniciativas das igrejas e o trabalho voluntário, entre outros.

Para Silva (2001), o termo ONG é genérico e agrupa uma ampla variedade de instituições. Em geral são instituições que representam de fato ou por princípios os interesses coletivos da sociedade e que, por funcionar como antena da sociedade, tem grande capacidade de adaptação às novas realidades sociais. O papel das ONGs não é assumir a responsabilidade do Estado, e sim servir de elo entre o cidadão, o Estado e a sociedade. Dessa forma, as ONGs ambientalistas desempenham um papel importante abrindo as portas do mundo real para os pesquisadores da área da conservação, além de ter melhores condições de ouvir os envolvidos nas questões ambientais, representar as vontades da sociedade e propor novas soluções para velhos problemas.

### **O NEMA: uma ONG de educação ambiental**

Em 1985, um estudante de oceanografia reuniu um grupo de colegas e começou a trabalhar com a mortandade de mamíferos, lobos e leões marinhos na praia do Cassino. Os animais eram levados para a casa dos próprios estudantes, sendo então tratados e depois devolvidos ao habitat natural. Tempos depois, o Departamento de Oceanografia da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG), através do trabalho desses alunos, firma uma parceria com a Autarquia do Balneário Cassino. Em 1986, passa então a existir o NEA, Núcleo de Educação Ambiental.

O primeiro passo foi a construção de uma sede, feita em madeira na beira da praia, que serviu como laboratório e sala de aula. Um ano depois, o NEA se transforma no NEMA, Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental.

O NEMA tem como objetivos desenvolver uma consciência conservacionista nas zonas costeiras através de programas de educação ambiental. A ONG desenvolve projetos de preservação das dunas costeiras, sacos, marismas e banhados, assim como um projeto com

mamíferos marinhos. Neste último caso, o NEMA faz um trabalho de educação junto aos pescadores da região buscando a preservação dos lobos e leões-marinhos que são capturados e, em muitos casos, mortos pelas redes, ou mesmo a tiros, por serem considerados predadores pelos pescadores que nada sabem sobre este animal. Como parte da campanha “Leão marinho, pescador que nem eu” são ministrados cursos, fornecidas camisetas para identificação dos mesmos, cadernos com explicações sobre os animais para crianças, etc.

O NEMA executa também o projeto Mentalidade Marítima, que iniciou em 1987 com uma proposta de educação ambiental junto às escolas da zona costeira do Rio Grande do Sul. A necessidade de facilitar a comunicação com essas comunidades fez com que o NEMA desenvolvesse o livro “Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras”, o qual foi distribuído gratuitamente às bibliotecas das escolas da rede pública municipal.

#### **A mídia radical alternativa**

É importante não julgar a mídia radical com os critérios das outras mídias, já que a mídia radical pode apresentar diferentes formas que expressam uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas (DOWNING, 2003). Neste caldo fervente e multifacetado que chamamos de sociedade, considerada por esse autor, a mídia radical alternativa se mescla com as culturas populares e dela emerge, assim como os movimentos sociais. Para Downing (2002), o universo da mídia radical alternativa é bem maior do que se pode imaginar. A título de ilustração podemos citar alguns exemplos, que não se restringem ao rádio, televisão, jornal ou cinema. Podem ser qualificados como mídia radical: canções populares, a música negra de vários países; a dança afro-americana; o grafite praticado por gangues de jovens; a cultura *hip-hop*; o vestuário, que Downing denomina de mídias têxteis, como os utilizados na Guatemala durante a ditadura militar, camisetas ou bandeiras do Movimento Sem Terra (MST) no Brasil, as colchas sul-americanas que foram usadas como comunicação clandestina; broches, *buttons*, e adesivos de pára-choques; rock de garagem; teatro de rua, exemplificado no teatro do brasileiro Augusto Boal; a arte dos pôsteres,

*cartoons* satíricos, e pornografia política; histórias em quadrinhos; a imprensa radical, onde no Brasil podemos citar o jornal Brasil de Fato; murais, vídeos populares e/ou políticos; incluindo também a experiência de TVs e rádios comunitárias e de acesso ao público; a *culture-jamming*, que desvia os símbolos culturais oficiais como oposição à finalidade a que se destina, etc.

Downing também cita como mídia radical alternativa as experiências de ação comunicativa na Internet, como a presença do movimento zapatista de Chiapas, no México. Para o autor, a mídia radical alternativa está onde a base de tudo é a comunicação entre pessoas ativas, e essa comunicação possa ou não ser mediada por aparelhos (DOWNING, 2002).

Segundo este autor, a mídia radical alternativa sempre esteve presente nos movimentos sociais e culturais ao longo de nossa história, o que não havia era um reconhecimento dessa mídia. Assim sendo, para discutirmos mídia radical alternativa antes é necessário tratarmos do termo mídia.

### Os conceitos de mídia

Para Gohn, mídia é o conjunto de instituições, negócios ou organizações que produz e transmite informações para determinados públicos, de audiência, leitores e grupos especializados. A autora inclui jornais, rádios, estações de televisão (canais regulares e a cabo), magazines, boletins, mídia computadorizada “online”, mídia interativa via computador, filmes e vídeos (GOHN, 2000:19).

Para Downing, é através da cultura popular que se dá todo o processo da mídia radical:

O termo *cultura popular*, então, concentra-se na matriz da mídia radical alternativa, que é relativamente independente da pauta dos poderes constituídos e, às vezes, se opõe a um ou mais elementos dessa pauta. Ao mesmo tempo, o termo serve para nos fazer lembrar que toda essa mídia é parte da cultura popular e da malha social como um todo e não se encontra isolada, de modo ordeiro, em um território político e reservado (DOWNING, 2002, p. 39).

Falar em mídia alternativa já é em si um paradoxo, como nos diz Downing (2002), se considerarmos que tudo sempre é alternativo a uma outra coisa. Mas estudar a mídia radical é um pouco mais do que

simplesmente analisar radicalismos dos meios de comunicação não convencionais, mas sim dar uma chance a que um grupo possa se expressar. Dar voz a quem muitas vezes não consegue se expor em mídias hegemônicas e/ou levar seus problemas muito além de seus domínios.

Este autor reconhece também que a mídia radical fundamentalista, racista ou fascista não deixa de ser mídia radical alternativa, mesmo que possa ser prejudicial ou não a sociedade, dependendo do conteúdo e do contexto a ser avaliado. Sendo o contexto e as conseqüências os principais guias para se definir a mídia radical alternativa (DOWNING, 2002).

Para ele é primordial o ponto de vista do observador ou do ativista para a compreensão sobre mídia radical, pois depende desse olhar a representação de uma opinião mais fundamentalista, racista ou fascista sobre determinado assunto. O site zapatista, por exemplo, por mais extremista que possa parecer para alguns, fornece informações que os meios convencionais não dão, assim como o jornal do MST no Brasil. E isso pode servir para certa comunidade se comunicar e ter sua própria forma de expressão. Downing analisa com critérios também a designação de mídia radical para certas minorias étnicas e religiosas, dependendo dos temas em discussão nas comunidades em questão (DOWNING, 2002, p. 28).

Este autor acredita que os meios radicais alternativos têm em comum o fato de romperem regras, embora raramente quebrem com todas elas e em todos os aspectos. Normalmente, esses meios são de pequena escala, pouco conhecidos e, em certos casos, como esclarece, tornam-se alvo de raiva, medo ou do ridículo de alguma autoridade ou mesmo do público ou de ambos.

Downing nos alerta que para ser radical é necessário se opor diretamente à estrutura do poder e seu comportamento e obter apoio e solidariedade construindo uma rede de relações contrárias às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura de poder. Salienta, porém, que existe uma tendência no âmbito da organização interna das mídias radicais alternativas de serem mais democráticas do que a mídia estabelecida, pela própria rede hierárquica de poder.

### **Cultura popular versus cultura de massa**

No entanto, se pensarmos que a mídia radical alternativa se liga com a cultura popular tão diretamente numa trama que, por vezes, não

se pode separar os fios entrelaçados, é importante fazer uma alusão à Indústria Cultural, estudada pela escola Frankfurtiana, especialmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Estes autores criticam e rejeitam a cultura de massa e o produto produzido por elas, valorizando a cultura popular como expressão autêntica das aspirações do público.

Entretanto, não podemos esquecer que as culturas se mesclam, e assim como a cultura popular acaba influenciando a cultura de massa, essa acaba se apossando de seu vasto universo. Mesmo as culturas populares sendo mais abrangentes, ainda assim as culturas de oposição também conseguem se entrelaçar a este emaranhado de fios. É através da cultura popular que se dá o ponto de partida para a compreensão da mídia radical alternativa, como afirma Downing:

A cultura popular pode perfeitamente ser elitista, racista, misógina, homofóbica e nutrir preconceitos relativos à idade, ainda assim, expressar valores de formas inventivas e superficialmente atraentes. Os papéis negativos de mulheres e meninas nos contos de fada e nas canções folclóricas constituem apenas um exemplo. Outro exemplo são os grupos de *rock* racistas. A cultura popular é mais abrangente que a cultura de oposição que representa, no máximo, conjunturas de uma história provavelmente bem mais ampla. No entanto, assim como a cultura popular e a cultura de massa se interpenetram e impregnam uma à outra, assim também a cultura de oposição recorre e contribui para a cultura popular e a cultura de massa (DOWNING, 2002, p. 35).

É preciso que a mídia respeite a cultura de cada povo, para que a comunicação sirva como instrumento de transformação. Para isso é necessário resgatar a cultura de determinado povo, envolvendo-a na comunidade e no trabalho das mídias alternativas, para que elas tenham caráter próprio a fim de poderem usar uma linguagem que será entendida por todos criando assim sua própria identidade.

Nós temos que pensar que essa comunicação terá que ser diferente, ela terá que pensar em prioridades informativas, culturais, educativas, a liberdade de expressão dessas pessoas, o desenvolvimento social e cultural. Com essa perspectiva é que a comunicação vai fazer sentido (PERUZZO, 2003).

Peruzzo (2003) concorda com Downing quando afirma que o cidadão tem de deixar de ser um mero consumidor de conteúdos dos meios de massa para passar a ser sujeito no processo de comunicação.

O esquema da cultura popular também nos força a reconhecer duas outras questões centrais: a primeira é a de que o espectro total da mídia radical nas culturas modernas inclui uma vasta gama de atividades, desde o teatro de rua e os murais até a dança e a música, e não apenas os usos radicais das tecnologias de rádio, vídeo, imprensa e Internet. A segunda, igualmente importante, diz respeito ao que Edward E. P. Thompson descreveu como a metade esquecida das pessoas (DOWNING, 2003).

Seguindo a noção de hegemonia de Gramsci, sua convicção era a necessidade de desafiar e destronar o domínio cultural e a liderança das classes dominantes com uma visão alternativa e convincente a respeito de como a sociedade pode organizar-se.

O capitalismo manteve e organizou sua liderança através de órgãos de informação e cultura, como escolas, universidades, igrejas, literatura, meios de comunicação e ideologias corporativas. As perspectivas sobre a sociedade mais ampla geradas no âmbito dessas instituições com frequência produziram, segundo ele, uma visão de mundo incontestada, que adquiriu o *status quo* de inevitável, e de que o poder da classe dominante assentava-se na sua habilidade singular, e por si só evidente, de dirigir a nação com sucesso, fossem quais fossem as críticas aos membros dessa classe (*apud* DOWNING, 2002, p. 47).

### **Movimentos Sociais dentro da esfera pública**

Para Downing, o movimento mais antigo referia-se à rebelião das massas, à multidão em tumulto, agindo de maneira cega e insensata levada apenas por emoções impetuosas e descontroladas. A Revolução Francesa é um exemplo. Para o autor, um outro modelo é o dos movimentos sociais como atores racionais, os quais, como não têm propriedades e geralmente são pobres, os membros do público em geral precisam criar recursos alternativos para exercer influência sobre o processo político e de alocação. De acordo com Downing, esses recursos alternativos consistem em ações coletivas como greves, ocupações, passeatas, operações tartaruga, bloqueios de tráfego, etc. Havendo ainda um outro, a que Downing denomina Novos Movimentos Sociais (NMSs), ou seja, os movimentos sociais ecológicos, feministas, pacifistas, etc.

Gohn (2000) na mesma linha Downing cita que os movimentos sociais surgiram de uma inquietação social, derivando de ações dos

seguintes pontos: insatisfação com a vida atual, desejo e esperança de novos sistemas e programas de vida. Para Gohn, esta teoria, denominada de carências sociais, será retomada nos anos 80 e 90, após intenso debate, tentando criar sua própria mídia, quer seja para divulgarem suas notícias e idéias, quer seja para registrarem suas histórias e tradições.

Champagne acredita que:

Na origem, as manifestações de rua eram o modo de ação política, por excelência dos dominados, isto é, dos que tinham apenas a força do número e, se fosse necessário, a força física de seu corpo para responder à violência legal das forças de repressão enviadas pelos dominadores monopolizaram parcialmente a expressão de base... Paradoxalmente, em nossos dias, as manifestações tornaram-se um modo de ação demasiado poderoso para que os dominadores também se interessem por ele e não seja deixado exclusivamente por conta dos dominados (CHAMPAGNE, 1990, p. 249).

Assim como a mídia constrói sobre os movimentos, constrói também sobre os meios de comunicação radical (GOHN, 2000). Por isso, nos últimos anos se percebe um crescimento destes veículos, para que possam comunicar-se de uma forma mais direta onde antes não teriam acesso.

Da parte da própria mídia, observa-se que entre alguns dos meios de comunicações, como a televisão e os jornais diários da grande imprensa, os movimentos são citados, reportados, figuram como manchetes, ou são ignorados, de acordo com certas estratégias: político-mercadoológicas ou de controle social. A mídia tem retratado os movimentos segundo certos parâmetros político-ideológicos dados pela rede de relações a que está articulada. Os interesses políticos e econômicos formatam as considerações e as análises que configuram a apresentação das informações, denotando um processo onde a notícia é construída como mensagem para formar uma opinião pública sobre o acontecimento, junto ao público consumidor, e não para informar este mesmo público (GOHN, 2000, p. 23).

Enquanto para Peruzzo, por outro lado, a cidadania está ganhando contornos diferentes com as mídias alternativas uma forma de se rebelar contra os meios convencionais:

Existe um processo evolutivo de cidadania e nesse processo a questão da comunicação passa a ser algo cada vez mais claro. O direito à comunicação, enquanto possibilidade de expressão, ganha essa dimensão. Qualquer cidadão tem o direito de se expressar livremente pelos meios de comunicação, que é a

questão da cidadania. Qualquer cidadão pode ser protagonista da comunicação, atuar como emissor de conteúdos e não meramente como consumidor, receptor de mensagens (PERUZZO, 2003).

Foi nos anos 90 que a mídia radical começou a construir e a assumir um papel estratégico, como afirma Gohn, quando o associa aos movimentos sociais e às estratégias políticas por eles usadas, como folhetins, rádio e até mesmo a TV. Por isto ela cita que um dos componentes mais importantes de um movimento social são as representações simbólicas que ele constrói (GOHN, 2000, p. 22). Champagne (1996) já nos chamava a atenção para isso ao dizer que a capacidade para produzir uma opinião está partilhada de forma desigual, variando em função do capital cultural de cada indivíduo.

Para Downing (2002), os termos movimentos sociais, esfera pública, redes de comunicação ou audiências não passam de nomenclaturas. A utilidade da noção de redes é que foge à noção de audiências como algo atomizado, composto simplesmente de indivíduos ou famílias. Enquanto a esfera pública deixa de ser meramente um lugar idealizado para tornar-se algo tangível entre membros de círculos interligados, cuja comunicação mútua faz com que se relacione em muitos níveis, não apenas no debate racional e metódico.

### **Gestão da mídia radical**

Quanto às formas de organização que Downing (2000) define ter uma mídia radical estão o leninismo, modelo mais conhecido de organização da mídia radical no século XX. Caracterizado por ele como o modelo da correia, por transmitir as prioridades e perspectivas momentâneas da elite do partido comunista internacional venerado naquela época. Por outro lado existe o modelo da autogestão, radicalmente diferente, no qual o comando está nas mãos da própria mídia.

O que fica claro é que não existe um único modelo de autogestão para as mídias radicais alternativas, mas sim modelos que se adaptam a cada caso, tipo de mídia e espaço temporal e cultural.

## Um contraponto entre Downing e o NEMA

Downing (2000) acredita que a mídia radical alternativa é fruto dos movimentos sociais que, por sua vez, se dão numa esfera social. Este autor diz que a mídia radical alternativa constitui a forma mais atuante de audiência ativa e expressa as tendências de oposição, aberta e veladas, nas culturas populares. Isso porque procura falar a mesma linguagem, aquela que todos entendem. Como o NEMA é uma ONG de educação ambiental, sabe que não será agredindo pescadores que irá diminuir a mortandade de lobos e leões marinhos nas malhas de pesca, mas sim por meio da conscientização. Porém, ensinar a quem tem um menos acesso à informação vai trazer-lhe consciência para formar opinião e se tornar um cidadão de fato.

O NEMA percebe que seu trabalho é visto como uma força de resistência perante o poder público. E, assim como Gramsci (*apud* DOWNING, 2002), compreende que em certos cenários, como o da hegemonia capitalista, a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento desse processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder e de engendrar mudanças construtivas. Como lida com problemas que muitas vezes não interessam que sejam tratados, tem que trabalhar com a questão do poder. Mostrando e provando a força que a ONG tem naquele setor, o ambientalista.

Downing (2002) nos diz que a mídia radical surge de posições alternativas às políticas dominantes, e que essas mídias têm duas características: a de se expressar verticalmente, ser subordinada à estrutura do poder e a de obter horizontalmente, apoio, solidariedade, construindo uma rede de relações contrárias às políticas públicas ou mesmo à própria sobrevivência da estrutura do poder.

Dentro das características citadas por Downing (2002), o NEMA enquanto mídia radical, por vezes se enquadra nas duas características, visto que, para pôr alguns projetos em prática é preciso do apoio do Estado, sem que com isso deixe de fazer sua rede de relações contrárias a estas mesmas políticas públicas.

## Considerações finais

Podemos concluir com este trabalho que uma ONG pode ser sim uma expressão de mídia radical, analisando que ela se comunica de forma diferenciada dos meios convencionais e observando que o radical não pressupõe de radicalismos puros e simples. Tratamos aqui do radical que vem de raiz, da base, da estrutura de alguma coisa. E, quando falamos que uma ONG ambientalista como no caso do NEMA trabalha a parte ecológica através da educação ambiental estamos mostrando que sua comunicação é de base, de raiz, portanto radical. Ao contrário do que se pode ver nos meios convencionais o NEMA faz comunicação mesmo sem saber, cria campanhas de conscientização, livros, se faz presente na comunidade onde atua como foi demonstrado na pesquisa de opinião, mesmo sem ser foco de muita atenção nas mídias locais.

Para mim, uma ONG como o NEMA faz mídia radical sim, porque a “raiz”, que vem de radical, expressão em latim, quer dizer que vai ao fundo das situações. E a questão ambiental ecológica é absolutamente uma situação radical, de “raiz”, porque ela se opõe a alguma coisa e vai ao âmago da questão, mesmo que algumas vezes isso possa significar um confronto violento. Para mim é uma mídia radical alternativa com todos os conceitos que o termo se destina (DOWNING, 2004).

Com todas as variantes que encontramos no caminho para esta avaliação concluímos, portanto, que o NEMA se comunica através de forma alternativa e radical conseguindo com isso alcançar seus objetivos através da mídia radical.

## Referências bibliográficas

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC, 2002.

\_\_\_\_\_. Mesa-redonda no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2003), de 2 a 6 de Setembro de 2003, Belo Horizonte: PUC-MG, 2003.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Patrícia Wittenberg durante o Congresso da IAMCR em Porto Alegre, Brasil, de 25-30 jul. 2004.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1997.

GOHN, Maria G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

IDAC. <http://www.rits.org.br/idac.rits.org.br-3c.html>. Acessado em 17 nov. 2003.

PERUZZO, C. Mesa-redonda durante a Primeira Conferência Nacional de Comunicação Comunitária, de 7 a 8 de Novembro de 2003, Pelotas: UCPEL, 2003.

SILVA, K.G. Entrevista com Kleber Grubel da Silva, ex-superintendente do NEMA, realizada por Patricia Wittenberg em ago. 2001.